



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12514 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, SAÚDE, TRABALHO E MAL-ESTAR

DOCENTE: o que revelam os sentimentos manifestados na pandemia de Covid-19

Marlene Oliveira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: não possui

PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, SAÚDE, TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE: o que revelam os sentimentos manifestados na pandemia da covid-19

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre os sentimentos humanos, com a chegada da nova variante do coronavírus (Sars-CoV-2), em 2019, e sobre como eles se intensificaram e provocaram repercussões na vida e no trabalho das professoras de todas as etapas, modalidades e níveis da educação brasileira, passou a fazer parte, com mais frequência, de conversas informais em espaços acadêmicos e de estudos científicos em diferentes campos do conhecimento.

A depender do contexto profissional e da conjuntura da sociedade, sentimentos podem ser acionados de forma intensa, provocando manifestações e reações que se localizam em múltiplas determinações que envolvem dimensões históricas, políticas, econômicas, sociais, institucionais, pedagógicas e relacionais. Estudos sobre a saúde, o trabalho e o mal-estar docente mostram que as condições laborais desencadeiam dispositivos que provocam o adoecimento das docentes e o seu afastamento do trabalho (ZARAGOZA, 1999; ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019). Desse modo, aquilo que é **vividosentido** pela professora pode ter interfaces com as questões sociais, políticas e econômicas produzidas no interior de cada sociedade e de cada época.

Esteve (1995) afirma que o mal-estar docente resulta de mudanças sociais que geram nas professoras desencanto e insegurança em relação à profissão. Ele alerta que os estudos sobre essa temática não devem cair no lugar da “autocomplacência face aos males do ensino” (ESTEVE, 1995, p. 98), mas no de ajudar as professoras na compreensão de tais

fenômenos e na construção de estratégias e de atitudes individuais e coletivas para identificar os fundamentos e os meandros produzidos pelas mudanças sociais que geram o mal-estar docente e, conseqüentemente, o esgarçamento de sua imagem social na sociedade.

Vieira, Gonçalves e Martins (2016), em relação ao trabalho docente e à saúde da professora da Educação Infantil, refletem que a falta de apoio do poder público, a visão que as docentes possuem sobre o trabalho, a intensificação e a extensividade das atividades docentes no cotidiano da escola e a exposição das professoras às situações de vulnerabilidade social, de miséria e de violência presentes na sociedade e que chegam à instituição são repercussões das políticas públicas que incidem na saúde e no trabalho das professoras. Para as autoras supracitadas, “[...] existe uma estreita relação entre o atual processo de trabalho das professoras de educação infantil e seus problemas de saúde, contribuindo para o adoecimento individual [...]” (VIEIRA; GONÇALVES; MARTINS, 2016, p. 571).

Para este manuscrito, selecionaram-se dados do conjunto de informações produzidas com as falas de 128 professoras participantes de uma pesquisa exploratória – *Profissionais da Educação Infantil no contexto da pandemia da covid-19* –, realizada na primeira fase da pandemia. Nomeou-se de **primeira fase da pandemia** aquela em que o isolamento físico severo foi instituído e as vacinas ainda não tinham sido criadas pelos cientistas e produzidas em larga escala, o que desencadeou experiências distintas e intensas nas pessoas, dentre elas as experiências das professoras. É importante ressaltar que, do universo de docentes, foram selecionadas, para este texto, as 69 docentes que trabalham em redes públicas de educação de nove estados brasileiros (Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo). Essas docentes registraram seus sentimentos em um formulário *on-line*.

Em relação ao perfil das 69 professoras, 97% são do sexo feminino e 3% do sexo masculino, 44,9% estão na faixa etária entre 36 e 45 anos de idade e 18,9% entre 46 e 55. Em relação à cor/raça, os maiores percentuais registrados foram: 33,3% branca, 27,5% parda e 37,7% preta. Cem por cento das docentes possuem Ensino Superior completo e o curso que mais se destaca é o de Pedagogia, com 87%. As professoras serão identificadas no texto com a letra inicial “P” de Professora e com um numeral que representa a ordem das falas na tabulação das respostas.

Os estudos realizados sobre a saúde e o mal-estar docente evidenciam que o adoecimento das professoras de Educação Infantil possui forte ligação com o modelo de trabalho docente forjado no âmbito de políticas públicas. Essa não é a única causa que retira a professora do exercício de sua profissão, mas é a que tem preponderado nas narrativas de docentes, como pode ser visto na próxima seção. A reflexão sobre os sentimentos manifestados por professoras de Educação Infantil, durante a pandemia da covid-19, e suas relações com a saúde, o trabalho e o mal-estar docente é o que se almeja neste texto.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sentimentos manifestados pelas professoras na pandemia situam-se na dimensão individual, mas expressam, ao mesmo tempo, experiências que marcam uma coletividade, tendo em vista que o que é decidido, anunciado e executado na sociedade impactam a vida pessoal e profissional de cada ser humano. Uma crise sanitária e humanitária prolongada, com altos índices de mortalidade, o negacionismo com relação às descobertas da ciência, a ameaça aos princípios democráticos, a disseminação de ideias conversadoras e retrógradas, o desmonte da educação pública, a volta da inflação e a piora das desigualdades sociais são situações que afetam as pessoas em diferentes dimensões (psíquicas, sociais, laborais, econômicas, dentre outras).

Todavia, o alcance e a intensidade dessa afetação não são iguais para todos os sujeitos. Os grupos e as pessoas da sociedade mais tocados são aqueles que, antes da pandemia, já se encontravam fora do alcance das políticas públicas ou acessando os resíduos de ações e de políticas públicas que nunca deram conta de garantir os seus direitos como cidadãos, sendo a categoria docente um desses grupos (MORIN, 2021). A desvalorização do trabalho docente é histórica (HYPOLITO, 2020), o que vem se refletindo na sua formação, na sua identidade profissional, na carreira, no salário e na garantia de outros direitos essenciais. O modo como o estado trata a educação e os seus profissionais já é, por si só, um forte desencadeador de sentimentos que adoecem a categoria docente, como mostram resultados de estudos sobre o mal-estar docente (ZARAGOZA, 1999).

Os principais sentimentos expressos pelas professoras de Educação Infantil na primeira fase da pandemia foram: preocupação, ansiedade, medo, tristeza, angústia. A **preocupação** manifestada pelas professoras resulta de interpretações da realidade pandêmica vivida, produzindo ideias e opiniões antecipadas que, quando nutridas, se tornam persistentes e passam a incomodar o sujeito, tirando o seu sono, deixando-o inquieto, pensativo, apreensivo, agitado, dentre outras manifestações. As principais preocupações das professoras eram com o medo de morrer de repente, com a contaminação pelo coronavírus, com o contágio do vírus em familiares, com o tempo indefinido para retornar ao trabalho presencial com as crianças, com o medo de perder o emprego e com o retorno ao trabalho em espaços que não atendem aos protocolos de biosseguranças instituídos pelo poder público para conter a disseminação do vírus Sars-CoV-2. Eis o que disse uma das professoras sobre os seus sentimentos durante a pandemia da covid-19: “Muito preocupada. Torcendo para que encontrem logo uma vacina e/ou tratamento que evite tantas mortes. Muito medo em retornar ao trabalho pois trata-se de um lugar insalubre” (P10).

O desejo de que a vacina fosse logo pesquisada, fabricada e distribuída para a população para evitar a morte, a sua e a de outras pessoas, foi mencionado pela P10, que tinha receio de voltar ao local de trabalho, pois o espaço físico não era adequado para o desenvolvimento das atividades docentes de acordo com os protocolos instituídos pelos órgãos competentes. Trabalhar em um lugar “insalubre” é indigno tanto no contexto da pandemia como em qualquer outro momento da vida profissional de uma trabalhadora da educação. A pandemia, de certo modo, impulsionou a divulgação de problemas que se arrastam no campo da Educação Infantil, como é o caso da infraestrutura das instituições de ensino.

A preocupação das professoras, a depender de sua causa e de sua intensidade, traduz-se em ansiedade. A **ansiedade** caracteriza-se como uma agonia e aflição que a pessoa sente a partir de situações vividas e/ou observadas e quando sente que não vai dar conta de resolver algum fato, desencadeando comportamentos que vão desde inquietações a reações físicas e psíquicas mais graves. As falas de P18 e de P54 mostram que disparadores da ansiedade se localizam na situação financeira e no volume de trabalho que se ampliou no contexto pandêmico, seja no campo profissional, seja no âmbito familiar. Ao serem perguntadas sobre como estavam se sentindo durante a pandemia da covid-19, responderam: “Ansiosa devido à situação financeira, principalmente, além do medo de contaminação e expectativa quanto ao retorno” (P18); “Muito ansiosa e estressada pela quantidade de trabalho escolar e ainda as responsabilidades com as tarefas dos filhos e tarefas domésticas” (P54).

Os fatores explicitados pelas P18 e P54 como geradores de ansiedade parecem ser mais de ordem externa, quer dizer, situam-se na esfera pública e afetam a carreira profissional docente, que foi atingida com os cortes, em menor ou maior proporção, de salários, com a suspensão de contratos de trabalho, com o encerramento do vínculo trabalhista, principalmente daquelas docentes que exerciam a docência por meio de contratos temporários. A possibilidade de as professoras ficarem impedidas de desenvolver suas funções profissionais e sem salário para atender suas necessidades básicas de sobrevivência as deixaram abaladas. Outro fator externo gerador de ansiedade e de estresse na pandemia foi a ampliação do volume de trabalho escolar e das tarefas domésticas, como disse P54. As professoras, em sua jornada diária, já assumiam papéis e funções diversas e, com a pandemia, essa situação tornou-se mais intensa, uma vez que as mulheres passaram a dar conta de muito mais tarefas do que já faziam antes do isolamento físico (SILVA; FISCHER, 2020). A divisão sexual do trabalho, no âmbito doméstico, é injusta e o volume de trabalho recai mais sobre as mulheres, sobrecarregando-as de modo que o cansaço e o estresse se mostram com mais amplitude no dia a dia. Na esfera profissional, a pandemia trouxe, além das atividades existentes, novas exigências para o trabalho docente, como a aprendizagem do uso de plataformas digitais, de equipamentos e de aplicativos antes desconhecidos, o que exigiu da professora maior dedicação de tempo para estudo e planejamento das atividades.

Outros sentimentos anunciados pelas professoras durante a pandemia da covid-19 foram a **tristeza** e o **medo**. Os motivos para ficar triste e com medo, na atual conjuntura sanitária e político-econômica brasileira, existem e advêm de diferentes áreas e instâncias da sociedade. Em relação à Educação Infantil e aos profissionais que trabalham nessa etapa da educação, por exemplo, o cenário mostrou-se mais complexo e difícil para o exercício docente remoto, haja vista as ações do poder público que não controlaram a disseminação do coronavírus com agilidade e não criaram as condições necessárias para que as professoras desenvolvessem o seu trabalho com as crianças durante a pandemia. Na visão de Gama, Cerqueira, Zampier (2021, p. 11), “[...] o trabalho em ambiente virtual gerou muitas inseguranças, ansiedades, sobrecargas físicas e emocionais e até mesmo tristeza, evidenciando um sentimento de impotência diante de nossas práticas”.

As repercussões desses sentimentos no trabalho docente das professoras de Educação Infantil estão presentes em suas narrativas. Além disso, cada docente, no exercício da docência remota, teve de desenvolver ações pedagógicas, estabelecer comunicação com as crianças e famílias, participar de atividades organizadas pela gestão e pela coordenação pedagógica da escola e cuidar de seus familiares com preocupação, angústia, medo, tristeza, solidão e com outros sentimentos evidenciados na pesquisa.

3 (IN)CONCLUSÕES

Os resultados da pesquisa revelaram professoras da Educação Infantil exercendo a profissão docente com sentimentos ativados e intensificados devido à pandemia da covid-19, às reverberações de políticas públicas neoliberais e às ações negligenciadas pelo poder público no campo da educação, da saúde e do cuidado com o ser humano.

A presença de sentimentos que provocam o adoecimento das professoras deve ser compreendida como algo que pode ser alterado. Existem momentos na vida e na profissão em que situações difíceis se apresentam e causam manifestações emocionais e psíquicas. Isso faz parte dos itinerários humanos e não quer dizer que a professora de Educação Infantil não seja capaz de superar esses momentos mais duros e não consiga prosseguir com as suas atividades. O acolhimento, a escuta e o respeito aos processos subjetivos, aliados à melhoria das condições de trabalho (formação, salário, carreira, valorização e qualidade de vida) e à redução das cobranças e do estresse no ambiente profissional, podem ser caminhos possíveis para amenizar as repercussões das relações entre os sentimentos manifestados pelas professoras no contexto pandêmico e a saúde, o trabalho e o mal-estar docente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. M. de; PINHO, P. de S.; MASSON, M. L. V. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, e00087318, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00087318>
- ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos docentes. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003>
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 93-124.
- GAMA, C. V. N. da; CERQUEIRA, M. M. de A.; ZAMPIER, P. da P. Educação Infantil em tempos de pandemia: quando uma máquina do tempo aproxima as distâncias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 522-548, jan./abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2021.55378>
- HYPOLITO, Á. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MORIN, E. **É hora de mudarmos de vida** : lições do coronavírus. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2021.

SILVA, J.; FISCHER, F. Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, n. 3, p. 1-8, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001547>

VIEIRA, J. S.; GONÇALVES, V. B.; MARTINS, M. de F. D. Trabalho docente e saúde das professoras da Educação Infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 559-574, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00119>

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.